

**O IMAGINÁRIO INFANTIL:  
APRESENTANDO JOGOS TEATRAIS A PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

GRILL, Martha Barcellos  
Licenciatura em Teatro UFPel

OLIVEIRA, Adriano Moraes de.  
UFPel

## **1 INTRODUÇÃO**

Este texto apresenta algumas impressões sobre o imaginário infantil de professores do ensino fundamental da rede pública, percebido por meio da experiência com a apresentação da peça "...e o gato não comeu!!!!". Essas apresentações serviram como estímulo ao entendimento do conceito de jogos teatrais, mais precisamente aquele desenvolvido por Viola Spolin. No presente texto, relato como as oficinas ministradas pelos integrantes do Núcleo de Teatro Universitário da UFPel evidenciaram para os participantes o caráter de pesquisa que desenvolvemos desde o início de 2010.

As impressões relatadas nesse trabalho advêm da observação do comportamento dos professores durante as apresentações e oficinas que fizeram parte da discussão sobre "Educação e Imaginário" proposta por Adriano Moraes de Oliveira nos seguintes eventos: Seminário do Pólo de Arroio dos Ratos de Pedagogia a distância, Seminário do Pólo de Paranaguá-PR de Pedagogia a distância UFPel/Cead/UAB, I Semana Acadêmica de Candiota-RS e Reunião Geral dos professores do curso de educação de campo a distância.

A sistematização do ensino de Teatro, em contextos formais e não-formais da educação, através de jogos teatrais, foi elaborada pioneiramente por Viola Spolin. Essa professora norte-americana atuava junto a instituições de ensino visando uma integração de crianças em situação de vulnerabilidade social. Principalmente aquelas que eram filhos de imigrantes, pré-adolescentes, adolescentes, jovens, adultos, idosos e atores amadores. O trabalho de Viola buscava proporcionar maior liberdade aos alunos em seus comportamentos de palco, normalmente, mecânicos e rígidos. Quase três décadas de pesquisa da investigadora americana resultaram em um detalhado sistema de oficinas de trabalho com a linguagem teatral reunidos nos seguintes textos: Improvisação para o teatro (1978), Jogos teatrais: O fichário de Viola Spolin (2000) e O jogo teatral na sala de aula.(2007). Os textos desenvolvidos por Viola têm sido usados por grupos amadores e companhias teatrais, como também em escolas e centros comunitários.

Os Jogos Teatrais tem como modelo os jogos tradicionais de regras. Como os jogos tradicionais, o uso da linguagem teatral é estabelecido sem a preocupação com resultados estéticos cênicos. Sem a preocupação com resultados, o aluno se desenvolve nos âmbitos cultural e pessoal quase que espontaneamente.

Com o lema "sem parceiro não há jogo" Viola Spolin propõe uma metodologia de "aprender fazendo". O professor deixa de ser coordenador, passando a ser orientador da auto-descoberta do aluno. Isso garante que o universo de aprendizagens e construção de significados a serem experimentados pelos alunos no sistema escolar se torne mais amplo. Aos docentes fica o desafio de se desligar dos padrões convencionais de pensamento e ação e dar vazão a experiência teatral de modo a colocar em xeque a tradicional segmentação escolar do conhecimento.

De acordo com a publicação do professor Ricardo Ottoni Vaz Japiassu (1998) na Revista da Faculdade de Educação, edição de julho/dezembro de 1998, o ensino do teatro na educação escolar básica nacional foi formalmente implantado há quase trinta anos no âmbito dos

conteúdos abrangidos pela matéria Educação Artística, oferecida obrigatoriamente por força da Lei 5692/71. Desafortunadamente, o resultado dessa implantação não passa, em sua maioria, de ensaios para encenações alusivas a datas comemorativas e apresentações de fim de ano para agradar a pais e mestres. Transformando esse processo da criança em mercadoria, a espontaneidade pode se perder, o aluno não alcança crescimento, e o valor da experiência teatral é nulo.

Foi essa lacuna na percepção a respeito do uso de teatro na sala de aula e a ínfima porcentagem de interesse por teatro (tanto profissionalmente quanto como entretenimento) nas localidades do interior do sul do Brasil, que levantou a necessidade de um diálogo com os docentes dessas áreas a respeito do tema “Educação e Imaginário” e arte-educação.

## **2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)**

No ano de 2010, O Núcleo de Teatro Universitário da UFPel retomou as apresentações da peça “...e o gato não comeu!!!!” em escolas de ensino fundamental da rede pública de Pelotas e região. O intuito, dessa retomada, foi o de levar o fazer teatral para dentro do universo de crianças carentes.

A peça foi escrita por Adriano Moraes de Oliveira durante uma experiência, como professor de teatro, com crianças em fase de alfabetização, em 1995. Ao perceber que as crianças sentiam mais prazer nos momentos de recreação, ou seja, antes, depois e no intervalo das aulas, ele utilizou as brincadeiras desses momentos como matéria-prima para a dramaturgia, escrevendo em parceria com os alunos.

De acordo com Oliveira (2005) naquele momento, as próprias crianças eram os atores da peça, a brincadeira instigava a imaginação para contar histórias, escrever e ler, fazendo com que a alfabetização acontecesse sem dor ou sacrifício. Hoje a peça é representada pelos integrantes do Núcleo de Teatro, acadêmicos do curso de Licenciatura em Teatro da UFPel. Durante a apresentação, o público é convidado a participar e ajudar as personagens, estabelecendo uma parceria que faz com que a platéia se sinta parte da trama.

Após a apresentação, os atores ministram oficinas de jogos teatrais e improvisação, que agem como trampolins para a espontaneidade dos alunos. É nesse momento que se configura um impasse, a atividade “extra-curricular” X as obrigações curriculares. Na sala de aula, professores despreparados, por vezes, não sabem como aproveitar essa energia criativa potencializada com a peça e oficinas, remontando o ambiente rígido e disciplinar da relação professor-aluno. A respeito disso, Viola propôs uma libertação da necessidade de atuar como professor o tempo inteiro, justificando que, na verdade, só aprendemos através da experiência, e ninguém ensina nada a ninguém.

Essa premissa fez com que o público da peça deixasse de ser exclusivamente infantil. Passamos a apresentar a peça para adultos em seminários de pedagogia como forma de oficina oferecida por Adriano Moraes de Oliveira chamada “Educação e imaginário: O avesso do espetáculo”.

No Seminário do Pólo de Arroio dos Ratos de Pedagogia a distância, no Seminário do Pólo de Paranaguá-PR de Pedagogia a distância UFPel/Cead/UAB, na I Semana Acadêmica de Candiota-RS e na Reunião Geral dos professores do curso de educação de campo a distância, através da apresentação da peça “...e o gato não comeu!!!!” tentamos despertar a criança que existe dentro de cada adulto, e depois, nessa atmosfera propomos jogos teatrais a esses adulto-crianças.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Como de costume, montamos a estrutura da apresentação na frente de todos; a maquiagem, o figurino, o cenário e o aquecimento foram feitos enquanto o professor Adriano Moraes de Oliveira apresentava a peça e explicava a sua origem lúdica.

Platéias não muito eufóricas, nem muito dispostas foram as quais nos deparamos nestas ocasiões. Professores cumprindo protocolos e/ou exigência de presença, olhavam o relógio em meio a suspiros cansados contando os minutos que ainda tinham que ficar sentados naquelas cadeiras, aos poucos, foram perdendo a timidez e participando da peça, obviamente, mais moderados que crianças, mas ainda assim com o espírito do jogo e da brincadeira.

Comprovando que quando o indivíduo de qualquer idade reconhece que está prestando uma real contribuição a um projeto sem autoritarismo, ele se torna liberto para dar rédeas ao seu humanismo e se relacionar com os que o cercam. Assumindo aquele estado espontaneidade, de que trata Viola Spolin em *Improvisação para o teatro* (1992), os professores se transformaram em alunos, brincaram e quiseram mais.

Aproveitando o gancho desse trampolim “energizante” que se configurou a peça “...e o gato não comeu!!!!”, tanto para crianças quanto para adultos, partimos para as oficinas. Os atores ofereceram oficinas de Jogos Teatrais, Improvisação, Espaço cênico na Escola e Contação de histórias, para as quais os professores se dividiram de acordo com os seus interesses.

Apesar das diferenciações das oficinas, todas abordavam a essência do conceito de Jogos Teatrais de Viola Spolin, apresentando a proposta da formação de uma base de abordagem alternativa para o ensino e aprendizagem.

A diferença entre o início e o fim das oficinas foi gritante, trabalhando com o resgate do imaginário infantil desses adultos, revigoramos os professores, que saíram interessados em técnicas gerais de aprendizagem alternativa. Ao experienciar os conceitos de Viola Spolin, os participantes comprovaram seu valor e quiseram se apropriar destes.

O projeto da oficina “Educação e Imaginário” continua em andamento, tanto para os alunos quanto para os professores. Buscando, dessa forma, uma maior eficácia, englobando não só o despertar do imaginário da criança como preparando os profissionais da pedagogia para tirar melhor proveito dessa experiência.

## 4 CONCLUSÕES

O final dessa etapa da pesquisa, que está em fase inicial, evidencia uma necessidade de uma maior análise de dois pontos principais: educação e jogos.

Essa experiência revelou que, tanto professores quanto alunos, encontram-se exauridos e automatizados, ambos, através de diferentes sinais, clamando por uma educação melhor.

Nesse montante, o núcleo de teatro universitário da UFPel surge como um grupo de jovens estudantes com vontade de mudar e ajudar, propondo uma experiência de conceitos que ainda não tem muita experiência prática no dia a dia escolar. A impressão mais significativa que tenho nesse início de pesquisa é que a apropriação desses conceitos por meio do contato com a oficina está contribuindo para mudar esse quadro de exaustão escolar.

A respeito dos jogos, mais precisamente os Jogos Teatrais de Viola Spolin, vê-se o grande valor da autora em sistematizar uma série de técnicas, entretanto, percebo ainda uma grande dificuldade de por em prática tais técnicas em nossas escolas públicas. Fica a lição que todos os conceitos de Viola merecem ser retomados como referência, mas, não necessariamente serem seguidos ao pé da letra, visto que o ambiente onde foram concebidos era diferente social e temporalmente.

Conclui-se, então, que o resgate do imaginário infantil através da apresentação da peça “... e o gato não comeu!!!!”, de fato, serve como “estímulo” ao entendimento do conceito e da necessidade do Jogo Teatral na escola. A metamorfose desse estímulo para a aceitação dessas técnicas alternativas de ensino por parte dos professores do ensino fundamental da rede pública, não só os jogos de Viola Spolin, é a meta desse projeto de pesquisa que diferentemente deste texto não acaba neste ponto final.

## 5 REFERÊNCIAS

- SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva, 1992
- KOUDELA, Ingrid D. Jogos teatrais. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. Jogos teatrais na escola pública. Rev. Fac. Educ. vol.24 n.2 São Paulo July/Dec. 1998
- KOUDELA, Ingrid D & SANTANA, Arão P. d.. Abordagens Metodológicas do teatro na educação. Ciências Humanas em revista – São Luís, V.3, n.2, dezembro 2005.
- PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. Jogos Teatrais na Sala de Aula. Um Manual Para o Professor. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais Volume 7, Ano VII, Número 1 – Janeiro / Fevereiro / Março / Abril – 2010.
- OLIVEIRA, Adriano de Moraes. BRINCAR COM O TEXTO LITERÁRIO: Possibilidades de Teatro e de Jogo. 2005. Programa de pós-graduação em teatro (mestrado) – UDESC, Florianópolis-SC, dezembro de 2005.